

## Muito Além do Eixo Vermelho: o IJF como Retrato da Saúde Pública no Ceará<sup>1</sup>

William da Silva SANTOS<sup>2</sup>

Andressa de Bittencourt Vieira DANTAS<sup>3</sup>

Liana Ibiapina BEVILÁQUA<sup>4</sup>

Luana Magalhães de BARROS<sup>5</sup>

Roberta Kelly de Souza BRITO<sup>6</sup>

Edgard Patrício de Almeida FILHO<sup>7</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar a série *IJF: Muito além do Eixo Vermelho*, composta por cinco reportagens radiofônicas investigativas, produzidas por cinco estudantes do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), no primeiro semestre de 2013. Fruto da disciplina de Radiojornalismo II, a série se propõe a discutir a questão da saúde pública em Fortaleza, tendo como foco a realidade do maior hospital terciário de urgência e emergência do Ceará: o Instituto Doutor José Frota (IJF).

**PALAVRAS-CHAVE:** IJF; radiojornalismo; série; investigação; saúde pública.

### 1 INTRODUÇÃO

Em meio ao cenário de manifestações que tomaram conta do Brasil em junho de 2013, inúmeras reivindicações da população ganharam fôlego nas ruas do País. Dentre elas, a situação do Sistema Único de Saúde, o SUS. Tema sempre em evidência, a saúde pública merece atenção especial, principalmente por refletir uma preocupação diária na vida das pessoas. É nesse contexto que surge a ideia da série de reportagens radiofônicas investigativas *IJF: Muito além do eixo vermelho*.

Produto final da disciplina de Radiojornalismo II da Universidade Federal do Ceará (UFC), a série mostra os desafios do maior hospital terciário de urgência e emergência do Estado: o Instituto Doutor José Frota (IJF), cuja história de fundação remonta a agosto de 1932. Dividido em cinco reportagens, cada uma contemplando de forma crítica uma faceta

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção laboratorial em audiojornalismo e radiojornalismo (avulso/conjunto ou série).

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, e-mail: william.santos93@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, e-mail: andressabitten@gmail.com

<sup>4</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, e-mail: liana, Ibiapina@gmail.com

<sup>5</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, e-mail: luanamdb@gmail.com

<sup>6</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, e-mail: bertasouza.cs@gmail.com

<sup>7</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da universidade Federal do Ceará, e-mail: edgard@ufc.br

da temática, o projeto tem como características centrais a possibilidade de experimentação da linguagem jornalística – aliando as possibilidades técnicas, estéticas e conceituais do radiojornalismo aos princípios das grandes reportagens investigativas –, bem como das técnicas de edição e montagem de som.

O panorama da saúde pública no Ceará, a rotina dos profissionais plantonistas, a visão dos pacientes, os desfalques e a ineficiência dos equipamentos, os desafios e as perspectivas futuras foram as ideias trabalhadas ao longo das cinco reportagens, sempre vinculadas ao IJF como palco central das discussões. Sob a orientação do professor Edgard Patrício, os estudantes desenvolveram todo o processo de produção, reportagem e edição ao longo de um mês, imersos em um intenso trabalho colaborativo de criação coletiva.

Além da apresentação e avaliação em sala de aula, a série também foi veiculada na Rádio Universitária FM 107,9, possibilitando um debate mais amplo da situação da saúde pública no Estado e dialogando mais abertamente com a sociedade acerca do tema. Afinal, conforme afirma Gomis (1991), “a mídia não só transmite, mas prepara e apresenta uma realidade dentro das normas e das regras do campo jornalístico” (*apud.* Vizeu, 2008, p. 13). Ao enraizar-se no fazer ético da investigação, também é função social do jornalismo questionar e promover reflexão. O presente *paper* irá detalhar os mecanismos práticos desse trabalho, apoiando-se nos recortes teóricos que sustentaram a produção.

## 2 OBJETIVOS

Veiculada na Rádio Universitária FM durante uma semana (de segunda a sexta-feira, entre os dias 5 e 9 de agosto de 2013), o principal objetivo da série *IJF: Muito além do eixo vermelho* foi, inicialmente, funcionar como espaço de produção jornalística laboratorial, explorando o caráter investigativo da produção ao expor os problemas e contradições da saúde pública no cenário local.

Para isso, buscou-se compreender, por meio de entrevistas e outras técnicas de apuração jornalística, o IJF como um espaço icônico que reflete o serviço público de saúde no Ceará; investigar denúncias que eram transmitidas aos repórteres em *off*, geralmente por pacientes e funcionários do hospital; bem como informar sobre as políticas públicas pensadas para o maior hospital terciário de urgência e emergência do Estado, prioritariamente gerido pela Prefeitura Municipal de Fortaleza.

Ao trabalhar a informação de forma contextualizada e humanizada, o trabalho também se propôs a sensibilizar os gestores da cidade para as questões pertinentes ao tema, questionando e promovendo reflexões sobre o papel de cada indivíduo nesse processo, e promover vozes e discursos que, muitas vezes, não têm espaço nas coberturas da mídia tradicional sobre o tema, fazendo um contraponto ao que é rotineiramente (não) dito. Nesse sentido, fez-se necessário o estabelecimento de um dialogo direto com a sociedade, intermediado pelos meios de comunicação da própria Universidade.

### 3 JUSTIFICATIVA

Colocar em debate questões que permeiam o cotidiano das pessoas é uma das tarefas das quais está incumbido o jornalismo. Fazer isso ciente da possibilidade de transformação aumenta ainda mais a responsabilidade dos envolvidos e instiga uma produção essencialmente sociopolítica e reflexiva. Diante disso, planejar, executar e veicular a série *IJF: Muito além do eixo vermelho* foi uma das formas encontradas pelos estudantes de Radiojornalismo II para dar visibilidade e promover a discussão em torno do tema saúde pública, costumeiramente problemático no seio da sociedade.

A partir das manifestações ocorridas em junho de 2013 em prol da melhoria de setores básicos de funcionamento público no País, fez-se necessário um trabalho crítico e capaz de atender a todas as demandas da informação que permeavam o tema. Para isso, uma produção coesa, realizada colaborativamente, conectando cada passo individual à caminhada do grupo, foi de suma importância para a consolidação do produto.

Durante o processo, ao esbarrar na investigação como uma das características fundamentais para a realização da série, os estudantes tiveram de rever os conceitos técnicos e éticos desse tipo de produção. Afinal,

o jornalismo investigativo é um fazer calcado na apuração dos fatos, na busca pela veracidade a partir de diversas fontes, documentos ou pessoas. O que, de certa forma, pouco difere do jornalismo convencional, a não ser pela diversidade de fontes recém citada e, também, pela profundidade da abordagem. (CORTEZE, SANTOS, 2010, p.662)

Nesse sentido, assumir uma postura diferenciada frente às histórias que se colocavam à disposição dos repórteres ou que faziam parte daquele contexto de trabalho garantiu um trato mais crítico da informação. É preciso destacar que, no Brasil, a expressão jornalismo investigativo é mais utilizada para definir aquelas matérias e reportagens em que o jornalista assume posição semelhante à de um detetive e precisa batalhar pelas informações, desenvolver técnicas próprias de apuração, ter uma metodologia para construir a reportagem e, assim, tentar descobrir falcatruas e denunciar crimes e desvios (FERREIRA, 2010, p. 39).

Para Kotscho (*apud.* Ferreira, 2010, p. 39), “é o ramo da reportagem mais difícil e, talvez, o mais fascinante, por procurar descobrir e contar para todo mundo aquilo que se está querendo esconder da opinião pública” (2000, p. 26). E foi exatamente por esse caminho que a série foi tomando forma, trazendo à tona questões de interesse público e fazendo com que o debate se ampliasse com a proposição de soluções para os desafios apresentados à realidade local.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Produzir uma série de reportagens radiofônicas de cunho investigativo impõe alguns desafios. O primeiro deles diz respeito aos prazos. Neste caso, a execução do projeto foi feita em apenas um mês. A série foi planejada durante todo o semestre letivo, mas a proximidade do deadline não poderia ser um fator que restringisse o fôlego de apuração que exige uma grande reportagem.

A partir daí, os repórteres, então, debruçaram-se sobre os princípios de uma prática jornalística que se diferencia das demais “pelo processo de trabalho do profissional e métodos de pesquisa e estratégias operacionais” (FERREIRA, 2010, p. 39). Para adentrar as portas do Eixo Vermelho - entrada do setor de atendimentos de emergência do IJF - e propagar vozes que, por vezes, não têm espaço no agendamento e no enquadramento do radiojornalismo local, os princípios do jornalismo investigativo pareciam um caminho fértil a ser seguido.

Afinal, conforme Fortes (2005, p. 10, *apud.* Corteze e Santos, 2010, p.662),

o que diferencia o jornalismo investigativo dos demais setores da atividade são as circunstâncias, normalmente mais complexas, dos fatos,

sua extensão noticiosa e o tempo de duração que, necessariamente, deve ser maior, embora quase sempre exercido sob pressão. A reportagem, de fato, não prescinde de investigação. Mas o jornalismo investigativo é algo mais complexo, trabalhoso, e perigoso. Não se assemelha à rotina natural das redações. Exige talento, tempo, dinheiro, paciência e sorte (FORTES, 2005, p. 10).

Assim, buscou-se trabalhar a partir das três linhas básicas de jornalismo investigativo defendidas por Lopes (2002; *apud.* Corteze, Santos, 2010, p. 662): produto da iniciativa pessoal, de reportagens especiais ou de assuntos de interesse público que pessoas ou instituições querem manter em segredo; uma vez que o “jornalismo investigativo pode, também, ser definido como a busca da verdade oculta ou reportagem em profundidade” (LOPES, 2003, P. 12; cit. in. CORTEZE, SANTOS, 2010, p. 662).

E se, na reportagem investigativa original, os próprios repórteres estão envolvidos na descoberta e documentação de atividades até então desconhecidas do público e, “no contexto teórico buscamos *tomar distância* dos fatos; mas no prático, no concreto, somos sujeitos e objetos em relação ao objeto” (FREIRE, 1987, *apud.* Vizeu, 2008, p. 16), este trabalho começou antes mesmo da fase de pesquisa e coleta de dados para a contextualização e encaminhamentos da pauta. As reuniões de definição da temática foram o ponto de partida. Nelas, havia a oportunidade de discutir, planejar e construir coletivamente todos os ângulos de abordagem das pautas que comporiam a série. Isso porque, segundo Kovach et. al. (2004, p. 178),

a reportagem investigativa interpretativa surge como resultado de cuidadosa reflexão e análise de uma ideia, bem como uma busca obstinada dos fatos para reunir informação num novo e mais complexo contexto, o qual fornece ao público um melhor entendimento do que acontece (Kovach et. al., 2004, p. 178; *apud.* Ferreira, 2010, p. 39-40).

Definida a orientação metodológica que guiaria o processo, foi fundamental pensar as nuances que compreendem as etapas de apuração e captação de áudio, redação dos textos, gravação das locuções, decupagem e roteirização do material, montagem e finalização das matérias já na edição e, finalmente, a veiculação do produto. Para dinamizar a produção das cinco reportagens especiais da série, a equipe, composta por cinco estudantes, trabalhou executando tarefas em conjunto, ao passo em que algumas etapas em comum também foram realizadas individualmente. As funções eram acumuladas: da

produção à edição de áudio, da reportagem à edição de texto, todos contribuíam efetivamente para o processo criativo.

Inicialmente, cada membro da equipe ficou responsável pela produção de uma das cinco matérias. Entretanto, em muitas oportunidades, o produtor de uma pauta se juntou a quem produziu outra para, em campo, apurar informações juntos. Isso facilitaria, posteriormente, a redação de cada reportagem e a roteirização da série, já que as fontes e os personagens entrevistados dialogavam entre si em vários momentos de cada matéria.

Na elaboração dos textos e na roteirização do material, levou-se em consideração o conceito de documentário jornalístico que André Barbosa Filho (2003) traz em seu livro *Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio*, o qual, segundo o autor,

constitui verdadeira análise sobre tema específico. Tem como função aprofundar determinado assunto construído com a participação de um repórter condutor. O documentário jornalístico mescla pesquisa documental, medição dos fatos *in loco*, comentários de especialistas e de envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual, de conotação não-artística. É realizado por meio da montagem - edição final do material produzido em áudio - com matérias gravadas anteriormente ou, ainda, juntando-se esse material às “cabeças” - introdução aos temas enfocados - e a algumas matérias temporais “ao vivo” (FILHO, 2003, p. 102).

E já que, desde as discussões conceituais realizadas no início da disciplina, tinha-se em mente o objetivo de pensar no rádio como meio de convergência de forma e conteúdo, ao encontro do que Balsebre (2000) chama de integração entre o semântico e o estético, a equipe também foi responsável por criar uma identidade sonora para a série, por meio de BGs, cabeças e encerramentos, da escolha dos locutores entre os próprios membros e também do uso de efeitos sonoros utilizados com intenções específicas, uma vez que

o semântico é tudo que diz respeito ao sentido mais direto e manifesto dos signos de uma linguagem, transmite o primeiro nível de significação sobre o que constitui o processo comunicativo. O estético é o aspecto da linguagem que trata mais da forma da composição da mensagem e se fundamenta na relação variável e afetiva que o sujeito da percepção mantém com os objetos da percepção. A mensagem estética é portadora de um segundo nível de significação, conotativo, afetivo, carregado de valores emocionais ou sensoriais (BALSEBRE, 2000, p. 327-8).

A edição de som, por sua vez, defendida aqui como procedimento essencialmente criativo, buscou trabalhar com os componentes da linguagem radiofônica que Vigil (2003) define como a “tríplice voz do rádio”, composta pela voz humana, pela voz do ambiente e pela música.

A proposta, portanto, na edição das reportagens, era dar relevo não só à voz dos repórteres e dos personagens, mas também a múltiplas sonoridades (naturais ou artificiais) e a músicas que (re)criassem ambientes ou atmosferas. É nesse sentido que se defende o processo de edição sonora como o diferencial das matérias de *IJF: Muito além do eixo vermelho*, sendo responsável, inclusive, por conferir grande parte do grau de experimentação à série investigativa. Para a montagem e a finalização de cada uma das peças, foi utilizado o *software Vegas Pro*.

É válido ressaltar que todas as etapas foram realizadas unicamente pelos estudantes – desde a produção das pautas, passando pela apuração das matérias, até a edição de texto e de som. Dentre as partes mais técnicas, apenas a operação da mesa de som do estúdio de rádio foi de responsabilidade de um dos servidores da Universidade.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

O resultado de todo o processo descrito até aqui é uma série composta por cinco reportagens que se propõe a discutir a questão da saúde pública em Fortaleza, tendo como foco a realidade do maior hospital terciário de urgência e emergência do Ceará: o Instituto Doutor José Frota (IJF).

A base factual, à época, estava no agendamento social da temática por conta de pautas recorrentes nos veículos de imprensa tradicionais, como as manifestações de rua que ocorreram em junho de 2013 - a saúde estava entre as principais reivindicações - e o programa *Mais Médicos*, do Governo Federal, lançado no dia 8 de julho do mesmo ano. O IJF, como ambiente de reflexo desse cenário sociopolítico, abrigava histórias que permitiriam aos repórteres levar tais reflexões a contextos mais aprofundados e mais próximos da realidade de outros cidadãos que também seriam afetados pelas mudanças na saúde pública.

Por se tratar de uma série, o roteiro das matérias, estruturalmente, caracteriza-se pelo tom de retrospecto, para que o ouvinte saiba o que já foi discutido nas reportagens

anteriores, e também de continuidade, de modo a criar expectativa e interesse para a pauta que será discutida em seguida. Algumas das especificidades de cada peça radiofônica, que tem entre cinco e sete minutos de duração, serão detalhadas aqui.

A primeira reportagem, veiculada em 5 de agosto de 2013, introduz a série e traz um panorama da saúde pública no Ceará, especialmente no que diz respeito aos gastos públicos com a construção, a compra e a manutenção de equipamentos nas unidades de saúde. Nela, é possível entender também como funcionam os três níveis de atenção definidos pelo SUS – primário, secundário e terciário –, e como eles deveriam funcionar juntos. Na contramão, ao tratar do que é visto e vivenciado na prática, a reportagem descreve como a ausência de atendimento nos níveis básicos prejudica os hospitais de atendimento mais especializado, como o IJF, o que compromete o funcionamento de toda a rede de saúde pública.

Na segunda reportagem da série, os repórteres acompanharam a rotina dos plantonistas do hospital: enfermeiros, médicos, auxiliares. Com cerca de dois mil profissionais da saúde trabalhando diariamente para atender em torno de duzentos casos emergenciais por dia, as relações estabelecidas ultrapassam os limites do atendimento e repercutem na vida pessoal de cada um deles. Para além do sustento financeiro, eles desempenham a atividade de cuidar de vidas, e isso se reflete na atenção que a maioria procura dar aos pacientes.

Veiculada no dia 7 de agosto de 2013, a terceira reportagem da série vai até o Eixo Vermelho do IJF para saber como os pacientes atendidos ali enxergam o hospital. Mesmo sem autorização para adentrar a Emergência do “Frotão”, a equipe conversou com pacientes e acompanhantes que entravam ou saíam do hospital e também pôde registrar, ainda que não tão de perto, o ambiente repleto de macas e leitos improvisados. As reclamações quanto à estrutura e o atendimento eram constantes entre todos. Muitos pacientes relataram, ainda, o “jeitinho brasileiro” utilizado para conseguir consultas no hospital conhecido pela constante superlotação. Além da demora no atendimento, o desabafo de alguns pacientes ainda dava conta de que tinham de lidar com o descaso de profissionais e com a falta de estrutura para a realização adequada dos procedimentos.

Tendo ouvido tantas reclamações e visto a natureza delas, a equipe de produção buscou, então, saber quais os motivos do desfalque no atendimento do IJF. Na quarta reportagem da série, os problemas enfrentados pelo hospital, como a superlotação, a ausência de obras para melhorias, a falta de médicos e a falha no atendimento das unidades de atenção primária e secundária são apenas alguns dos fatores elencados por profissionais

e pacientes do hospital. Por não quererem se identificar, algumas das vozes foram distorcidas no processo de edição das sonoras.

Entretanto, mesmo com todos os problemas elencados nas quatro primeiras reportagens da série, o Instituto Doutor José Frota continua sendo referência no Ceará e também em outros estados do Nordeste. Na quinta e última reportagem da sequência, mostrou-se o que está sendo feito para melhorar os serviços do hospital e a vida de todos os que por ali passam diariamente. Projetos como a Sala de Acolhimento, atendimento realizado por duas enfermeiras para encaminhar pacientes que podem ser atendidos em outras unidades, e oficinas de planejamento estratégico para os profissionais da saúde são algumas das estratégias planejadas para melhorar o atendimento no hospital e desafogar os corredores do Eixo Vermelho. A ala de queimados é exemplo do destaque positivo do IJF. Ela é referência para as regiões Norte e Nordeste do País.

Nas cinco reportagens, é possível perceber a relação entre as subtemáticas e a postura interpretativa adotada pelos repórteres durante todo o processo, pensada de modo que a junção de informação e análise garantisse aos ouvintes a sensação de realmente estarem no IJF. Afinal, sensibilizar-se com os contextos que nos cercam e, por vezes, passam despercebidos, é uma maneira de questionar, refletir e, como cidadãos, propor alternativas no sentido de mudanças ao que está posto.

## 6 CONSIDERAÇÕES

No processo de produção da série de reportagens *IJF: Muito além do eixo vermelho*, prezou-se, o tempo todo, pelos elementos que Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986, p. 15; apud. SOUSA, 2001, p. 259) definem como principais características do gênero reportagem: predominância da narração, humanização do relato, texto impressivo e factualidade da narrativa. Todos aliados aos princípios e recursos da linguagem radiojornalística explorados durante a disciplina.

Como espaço de produção jornalística laboratorial, foi possível explorar o caráter investigativo e experimental da produção ao expor os problemas e contradições da saúde pública no cenário local. Nesse sentido, o aprendizado maior, talvez, é que o processo como um todo - e não apenas o produto - nos fez perceber o quão importante é trabalhar em

equipe, com objetivos bem definidos, especialmente quando se trata de um produto jornalístico especial.

Além da apresentação em sala de aula, as peças também foram veiculadas na Rádio Universitária FM 107,95, possibilitando, de fato, um debate mais amplo da situação da saúde pública no Estado e dialogando mais abertamente com a sociedade acerca do tema. Ao trabalhar a informação de forma humanizada, o trabalho se propôs a sensibilizar, também, os gestores da cidade para as questões pertinentes ao tema, questionando e promovendo reflexões sobre o papel de cada indivíduo nesse processo que faz parte da democracia. Afinal, a imprensa existe, como bem disse Noblat, para satisfazer os aflitos e afligir os satisfeitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofónico**. Madrid: Cátedra, 2000.

CORTEZA, Priscila de Abreu; SANTOS, Marielle Sandalovski. **O jornalismo investigativo e “o trabalho dos cortadores de cana” – Profissão Repórter**. In: Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, VI, 2010, Pato Branco. Pato Branco: Mídia Cidadã, 2010. Disponível em: <http://www.unicentro.br/redemc/2010/Artigos/O%20JORNALISMO%20INVESTIGATIVO.pdf>. Acesso em 31 de março de 2014.

FERREIRA, Brunella Menezes. **Viagem pela Grande Reportagem Televisiva: o desafio do jornalismo investigativo da Rede Globo no Brasil (1997-2007)**. Trabalho apresentado à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação, ramo das Tecnologias da Comunicação. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2010. Disponível em: <http://ufpbdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/1650/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20Brunella.pdf>. Acesso em 31 de março de 2014.

VIGIL, José Ignácio. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2003.